

# Notícias sobre Cancro: Intertextualidade, Dialogismo e Poder Social<sup>1</sup>

Zara Pinto Coelho<sup>2</sup>  
Felisbela Lopes<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste estudo identificamos as vozes — aqueles cuja fala ou escrita é representada — usadas nas histórias sobre cancro publicadas em jornais nacionais durante o primeiro semestre do ano de 2010, e analisamos o modo como são usadas, com que propósitos e a sua ordenação e hierarquização (FAIRCLOUGH, 1995). A intertextualidade das notícias e os tipos de dialogismo presentes (BAKTHINE, 1981; KRISTEVA, 1986; MOIRAND, 2007), são explorados a partir de um leque de traços linguísticos, seleccionados de acordo com os nossos diferentes objectivos e adequados ao género de discurso em causa, a notícia (e.g. VAN DIJK, 1988): vocabulário, citações, distribuição da informação através do texto, relações funcionais entre as frases, modalidade, metáforas, etc. (e.g. BAZERMAN, 2004; CALDAS-COULTHARD, 1994; KRESS & HODGE, 1979). Os resultados da análise efectuada mostram que as posições dos jornalistas variam segundo os temas em causa: em assuntos relacionados com a política pública face ao cancro, assumem uma posição crítica e mobilizadora; em assuntos relacionados com investigação e risco assumem papéis de maestro, de perito intermediário e de conselheiro, mas também uma posição de solidariedade com as e os leitores.

**Palavras-chave:** discurso da notícia, cancro, análise crítica do discurso, intertextualidade.

**Abstract:** On this paper we identify the voices – those speaking or whose speech is represented - used in stories about cancer in Portuguese newspapers during the first semester of the year 2010, how they use them, what they use them for, the ordering and hierarchization of voices, boundaries maintenance between reporting and reported voices, and ways of framing them (FAIRCLOUGH, 1995). In the analysis of these dimensions of intertextuality and types of dialogism (BAKTHINE, 1981; KRISTEVA, 1986; MOIRAND, 2007), more explicit and more subtle ones, we focus on a range of linguistic features, selected according to our different goals and to the news genre (VAN DIJK, 1988): vocabulary, direct and indirect quotations, distribution of information across the report, functional relations between sentences, modality, metaphors, etc. (e.g. KRESS & HODGE, 1979; BAZERMAN, 2004; CALDAS-COULTHARD, 1994). The positions of the journalists varie according to the news themes (public policy, versus public health and scientific issues), assuming a critical and mobilizing role regarding cancer public policy, and playing the roles of a maestro, an adviser, an intermediate expert, but also of someone close to the readers, regarding public health and scientific issues.

**Keywords:** cancer news discourse, critical discourse analysis, intertextuality.

## Introdução

Este estudo faz parte de um projecto colectivo de investigação de longa duração, sobre a cobertura das doenças em três jornais nacionais, entre 2008 e 2012, financiado pela FCT e intitulado “Doença em Notícia”. O projecto incide sobre os relatos noticiosos e os seus processos de produção e recepção, e visa promover o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT – Semiótica do VII Congresso SOPCOM, realizado de 15 a 17 de Dezembro de 2011.

<sup>2</sup> Doutorada em Semiótica pela Universidade do Minho, professora na mesma Universidade e membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Endereço electrónico: zara@ics.uminho.pt

<sup>3</sup> Doutorada em Jornalismo pela Universidade do Minho, professora na mesma Universidade e membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Endereço electrónico: felisbela@ics.uminho.pt

diálogo e o entendimento entre os actores envolvidos.

Grande parte da investigação sobre saúde nos média continua a ser dominada pela visão “representacionista” da linguagem e pelo modelo da comunicação como mera transferência de pensamentos ou informação. Nesse quadro, o debate faz-se em torno de questões ligadas à eficiência da transmissão. Importa explicar o fracasso, porque é que a comunicação não é bem sucedida, por exemplo, entre médicos e jornalistas, ou entre jornalistas e leitores. Parte-se da ideia de que o conhecimento ligado à saúde pública é uma coisa necessariamente boa, que se põe a circular de cima para baixo, e que basta “olear os tubos” para a circulação melhorar. Mas, se sairmos deste quadro de pensamento, somos levados por objectivos e expectativas contrárias: o que importa não é resolver problemas, mas antes traçá-los, identificá-los, saber como acontecem. Para isso, julgamos necessário colocar a interacção no centro das atenções, ainda que estejamos a falar de comunicação mediada, pois acreditamos que aqui, como nas chamadas situações de comunicação face a face, a interacção precede, acompanha e resulta de todo e qualquer acto comunicativo: “*Speakers are constantly evaluating their about-to-be-uttered words vis-à-vis their about-to-be-addressed audience. The audience is always part of the message even before it does anything (and it always does do something*” (DURANTI, 2005: 405). O uso da fala e da escrita de outros é um dos mecanismos usados neste processo de negociação, que importa conhecer melhor, especialmente em géneros de discursos informativos, como é o caso do discurso da notícia da imprensa escrita.

### **Objectivos da análise**

Trata-se de analisar o modo como os jornalistas usam o discurso das “fontes” nas notícias que produzem a propósito do cancro. A tarefa consiste em identificar as vozes – os que falam ou cuja fala é referida – que os jornalistas escolhem usar nas suas histórias, como as usam, com que fins e mostrar os modos como orquestram essas vozes. A integração de uma pletora de vozes nos textos noticiosos não significa que todas elas sejam avaliadas de um mesmo modo. Nem basta apenas identificá-las e quantificá-las. Importa mostrar como estão ordenadas e a sua hierarquização. Outro aspecto que interessa observar são as distâncias entre as vozes relatadas e as vozes que citam. Esta análise serve também outro propósito importante: o de identificar os modos como as vozes citadas são enquadradas, e através disso revelar os modos

subtis como os jornalistas procuram controlar a interpretação dos leitores. Esta dimensão comunicativa ou interaccional das notícias constitui outro dos focos de atenção: mostrar o modo como se posicionam os jornalistas face aos leitores, o lugar que lhes atribuem, e o modo como os representam.

### **Parte 1. Dialogismo e intertextualidade nos relatos noticiosos: uma perspectiva crítica.**

Os conceitos de dialogismo e de intertextualidade inspiram esta análise. O princípio do dialogismo sublinha que os discursos não devem ser abordados em si sós, mas como parte de “um diálogo com discursos anteriores assim como com discursos futuros cujas reacções antecipam e prevêm” (BAKTINE, 1981, p. 8). Segundo este princípio, o discurso relatado é um meio importante de criação de intertextualidade. Para Kristeva (1986, p. 37), “todo e qualquer texto é construído como um mosaico de citações; todo e qualquer texto é a absorção e transformação de um outro”. A relação entre escritor e leitor é uma preocupação importante na análise da intertextualidade. VOLOSHINOV (1973, p. 86) descreve esta dimensão interaccional assim: “Orientation of the word towards the addressee has an extremely high significance. In point of fact, *word* is a *two-sided* act. It is determined equally by whose word it is and for whom it is meant. As word, it is precisely the product of the reciprocal relationship between speaker and listener, addresser and addressee”.

No entanto, esta interacção é constringida por factores sociais e institucionais. Isto significa que a intertextualidade é desenhada sempre para responder às especificidades do contexto comunicativo em causa. A nossa análise desenvolve-se tendo em conta os constringimentos associados ao género (KRESS, 2010; FAIRCLOUGH, 1995) ou tipo de discurso usado nos textos do *corpus*: a notícia (TUCHMAN, 1978; VAN DIJK, 1988; 2005). Trata-se de textos de natureza informativa, construídos de ditos citados e de discursos reformulados ou actos de fala relatados atribuídos a diferentes actores, que funcionam sob um regime de *enunciação objectivada* (MOIRAND, 2007) e que apresentam estruturas textuais específicas (VAN DIJK, 1988). São textos concebidos com um determinado público em mente que por sua vez os interpreta trazendo para a interacção os seus recursos próprios, é certo, mas em resposta e a partir do que lhes é oferecido. Estas características contextuais são importantes na análise linguística da intertextualidade e do dialogismo

ao nível textual. A análise segue, portanto, uma orientação crítica (FAIRCLOUGH, 1992; 1995; VAN DIJK, 2005). Considera-se que estas dimensões comunicativas da notícia, semiotizadas em formas típicas (e abertas à mudança), não são apenas signos de relações sociais, mas também as especificam e projectam e têm efeitos no contexto social. Por outras palavras, o discurso das notícias tem força própria, participa activamente no processo social de produção de conhecimento e de opiniões sociais sobre assuntos relacionados com o cancro e com os actores envolvidos. Apesar dos jornais dependerem de outras instituições e organizações, gestores e jornalistas (no sentido mais amplo do termo) são quem decide *o que* publicar e especialmente *como* publicar (ou não publicar) sobre o cancro e actores envolvidos.

A análise que apresentamos em seguida está organizada por temas que integram os textos do *corpus*: um primeiro ponto relativo à política governamental no domínio do cancro; e um segundo ponto que integra um conjunto de textos onde se exploram os temas do risco, da investigação, da prevenção e do diagnóstico. Dado que no primeiro tema o tópico mais explorado é a proposta governamental de reorganização da rede oncológica nacional, organizamos a análise em torno do mesmo, sublinhando traços intertextuais comuns aos textos analisados, e ilustramos com exemplos. Esta mesma preocupação guia a discussão sobre os restantes temas. Mas, face à diversidade de temas e tópicos identificados, realçamos os diferentes tipos de dialogismo colocados em acção. Num último momento, fazemos um balanço comparativo e destacamos singularidades nas estratégias intertextuais e dialógicas que caracterizam o discurso analisado.

## **PARTE 2. Desafiando as notícias**

### **2.1 Os combates do “combate ao cancro”**

O primeiro semestre de 2010 foi marcado por uma abundante produção de notícias em torno do cancro. Este tema foi abordado em 47 dos 216 textos sobre doenças publicados pelo o jornal Público (24 em 89), Jornal de Notícias (21 em 101) e o Expresso (2 em 26).

Ao contrário do que passou no último semestre de 2009, a atenção dos jornais diários e semanários centrou-se não na investigação científica realizada na área

(Lopes, Pinto-Coelho, Ruão, 2009), mas sim na proposta governamental de reorganização da rede oncológica nacional. Esta constituiu o motivo da história que ligou em cadeia uma série de textos noticiosos publicados durante o período de tempo que ocorreu a discussão pública do documento (Janeiro). O risco de fecho de várias unidades de cuidado, em consequência dos limites mínimos de casos definidos na proposta governamental, foi o tópico mais explorado pelos jornais. A escolha deste tópico indicia por si mesma o papel activo que a imprensa assumiu, pondo em destaque as repercussões do plano na prestação de cuidados oncológicos e os riscos implicados ao nível dos direitos fundamentais dos cidadãos.

As preocupações com o eventual encerramento de serviços de oncologia foram trazidas para o discurso da imprensa pelas vozes das diversas forças partidárias com assento no Parlamento, colectivos da especialidade e administradores de serviços. Ao invés de funcionar como um mero mediador, a imprensa deu visibilidade ao jogo de acção e de reacção das forças em jogo. E, mais do que isso, definiu o lugar de cada um, dando o papel de protagonistas aos colectivos da especialidade, administradores de serviços e forças partidárias, e o de antagonistas aos proponentes da reforma, colocando os primeiros numa posição de ataque e, os segundos, numa posição de defesa.

A proeminência dada aos primeiros resulta de várias escolhas discursivas. As opiniões que defendem entram mais vezes nos títulos, o elemento da notícia que, juntamente com o *lead*, expressa o tópico considerado mais importante e faz parte da retórica da notícia que tem como função atrair o leitor, sendo o elemento cuja informação tem uma maior probabilidade de ser memorizada pelos leitores (VAN DIJK, 1988; BELL, 1991). Como neste exemplo, onde a interpretação que o jornal faz do acto de discurso realizado pela Ordem dos Médicos ganha valor notícia, Ordem dos Médicos **defende** que o mínimo para uma unidade de oncologia funcionar deveria ser 150 novos casos por ano, não 500, Público 14 de Janeiro; ou neste outro, onde se escolhe atribuir valor notícia à opinião da Ordem dos Médicos, Fecho só com menos de 150 doentes, diz OM, Público, 20 de Janeiro. Há mesmo títulos onde os jornais fazem suas as reclamações da especialidade, apagando assim a distância entre a voz do jornalista e a voz da fonte de informação que caracteriza a retórica da factualidade do discurso da notícia (VAN DIJK, 1988). São exemplos o título da notícia publicada pelo JN a 6 de Janeiro, Risco de fecho para metade dos serviços de oncologia, que corresponde a uma conclusão tirada do discurso atribuído aos especialistas no corpo da notícia (Segundo especialistas ouvidos pelo

JN, metade desse número incerto não cumprem os requisitos definidos pela Coordenação para a prestação de serviços) e o título da notícia publicada a 21 de Janeiro no mesmo jornal (Casuística não deve ditar rede oncológica), uma prescrição cuja fonte é identificada no subtítulo da mesma notícia (Colégio discorda dos números fixados pela proposta em discussão pública). De referir ainda outros títulos que resultam de uma redistribuição do valor notícia atribuído aos acontecimentos: o caso onde as opiniões de um deputado do Bloco Esquerda citadas no corpo da notícia, que funcionam como comentário ao acontecimento principal referido no *lead*, são chamadas a título (Proposta para rede oncológica implicará fecho de muitos serviços, Público 5 de Janeiro). Nesta encenação, foi fundamental a inscrição do assunto em causa na “memória interdiscursiva” (MOIRAND, 2007) dos leitores, através da invocação de discursos recentes sobre o encerramento de maternidades e outros serviços, em particular sobre o confronto entre as lógicas de racionalização de gastos alegada pelos oponentes e a de qualidade reclamada pela voz oficial (JN, 7 de Janeiro; Público, 15 de Janeiro).

Tratamento diferente merece a posição oficial. Apenas é chamada uma vez a título, tanto num jornal como noutra (Ana Jorge: Governo não vai encerrar serviços de oncologia, 15 de Janeiro, Público; Ministra suaviza fecho de serviços, JN, 15 de Janeiro), e a força atribuída a esta posição é menor: no primeiro caso, o Público opta por deixar implícita a sua avaliação do acto de fala realizada pela ministra; e, no segundo caso, através da forma verbal “suaviza”, o JN transforma a negação realizada pela ministra, que o leitor pode encontrar no corpo da notícia na forma de citação directa (“neste momento não está em causa fechar serviços”), num processo emocional metafórico, o que lhe retira força argumentativa no debate em curso.

O alinhamento da imprensa com a opinião daqueles que coloca na posição de protagonistas na luta contra o encerramento de unidades de tratamento, também é visível nas escolhas das formas verbais que introduzem o discurso indirecto de uns e de outros (BAZERMAN, 2004; CALDAS-COULTHARD, 1994; CALSAMIGLIA e FERRERO, 2003; MAINGUENEAU, 1988). Estas formas não só indiciam as atitudes dos jornalistas face ao dito, como modelam a interpretação que os leitores fazem do mesmo. Enquanto que na interpretação dos actos de discurso realizados pelo colectivo da especialidade, oposição partidária ou membros da Administração Hospitalar se usam processos verbais que sublinham a força dos intervenientes, como o directivo “questionar”, ou expressivos do tipo “criticar, insistir, contestar, defender, recusar, desconfiar, discordar”, que sublinham a discordância e o agonismo do debate, na dos

actos discursivos realizados pelas entidades oficiais escolhem-se processos verbais expressivos do tipo “admitir, reconhecer”, que implicam culpa da parte do enunciador do discurso citado.

A forma como estão relacionadas as frases (FAIRCLOUGH, 1995), neste caso através da adversativa “mas”, e o uso estratégico de aspas (RICHARDSON, 2007) constituem outras das formas que marcam o modo como os jornais se posicionam face à posição oficial.

Ana Jorge afastou o encerramento de serviços e garantiu “que o governo não tem qualquer estratégia economicista ou qualquer intenção de poupança no que respeita “rede de referência hospitalar em Oncologia”. Mas, nas intervenções que foi tendo ao longo da tarde não foi tão taxativa e acabou por admitir que “neste momento não está em causa fechar serviços”. Em resposta a um deputado disse mesmo que “não está feita a análise do que vai fechar”. O que deixa a porta aberta ao encerramento de unidades. JN, 15 de Janeiro.

Estamos perante o que pode ser qualificado de movimento de estratégia de concessão aparente (VAN DIJK, 1997), onde, num primeiro momento, se concede veracidade às afirmações da ministra para, num segundo momento, a parte do texto a seguir ao *mas*, pôr em causa implicitamente essa veracidade. O *mas* cria um contraste entre o que a ministra pensa e diz, e o que o jornal acredita que ela pensa, uma distância expressa linguisticamente tanto pela escolha da expressão “acabou por admitir”, como pelo uso estratégico de aspas que também servem para indicar a natureza controversa da promessa oficial. A asserção final expressa o que o jornal considera ser o futuro mais provável, em contraste com a opção negada pela ministra. A segunda parte deste movimento semântico funciona, portanto, como um desmentido e serve para corrigir, revalidando a interpretação negada pela ministra, em eco com aqueles que desconfiam das intenções reais da proposta governamental.

Veja-se mais este exemplo que funciona de forma semelhante:

Ana Jorge recusa ver nesta reforma uma repetição do que aconteceu com maternidades e serviços de atendimento nocturno em centros de saúde. **Mas admite** “que poderá haver algumas situações”. JN, 7 de Janeiro

Outro dos mecanismos usados pelos jornais que indiciam a posição que tomam no debate, resulta não do tratamento que fazem do discurso dos intervenientes, mas do

trabalho de tratamento de informação de vários documentos, evidenciando resultados que reforçam os argumentos dos actores que criticam a proposta governamental. Por exemplo, chamando a título o risco de fecho de unidades de tratamento (16 hospitais não cumprem mínimos para ter oncologia, JN, 11 de Janeiro), sublinhando dados epidemiológicos que apontam para o aumento do número de mortes e de doentes (JN, 6 de Janeiro; Público, 5 e 15 de Janeiro), criando assim nas e nos leitores a impressão de desajuste entre a realidade do agravamento da doença e as implicações concretas em termos de fecho de unidades de tratamento da reforma dos serviços proposta pelo governo.

## **2.2 Risco, investigação, prevenção e tecnologias para o diagnóstico**

Em número de textos, o aumento de casos de cancro, de vários tipos, constitui o segundo tópico mais abordado nos jornais, seguido de notícias sobre avanços na investigação relacionados com etiologia e tratamento, com formas de prevenção e problemas tecnológicos envolvidos no diagnóstico. Na construção destes tópicos, os jornais usam uma panóplia de discursos: das especialidades médicas, de organizações internacionais, de registos oncológicos nacionais, de serviços oficiais, do ministério da saúde, da comunidade científica, de revistas científicas internacionais, da Lusa, dos média internacionais e, em muito menor grau (apenas usadas em dois textos), dos doentes e de associações de cidadãos de apoio a doentes com cancro, sendo que, embora de forma implícita, a voz do público em geral está presente, ainda que em formas diferenciadas, como iremos ver.

A diversidade social das fontes utilizadas, não significa, no entanto, um “intertexto plurilógico” (MOIRAND, 2000), de confronto, oposição e incerteza, idêntico ao que constatámos nos tópicos referentes à política governamental. As vozes convocadas de forma explícita funcionam em uníssono, confirmando-se mutuamente, sendo reservado aos jornais o papel de as orquestrar num coro comum, ora tornando visível a sua posição de mediadores de informação e conhecimento, ora ocultando essa mediação (como iremos ver, apenas num texto o intertexto funciona de forma diferente). Resultam destas estratégias dois tipos de discurso: um discurso que se apresenta como autoritário, pleno de certeza, e um discurso autorizado, onde os jornalistas se assumem como porta-vozes de saberes especializados ou científicos, encenando um triângulo, cujos pólos são o vós a quem se dirigem, os eles que falam



ou cuja fala é relatada, e o nós dos mediadores, responsáveis pela encenação do triângulo.

A factualidade do dito e o alto grau de afinidade com o conteúdo do intertexto referente a saberes especializados ou científicos, manifesta-se de diversas formas: na natureza categórica da modalidade expressiva (KRESS & HODGE, 1979, p.122) usada (*e.g.* uso do presente e futuro do indicativo, de estruturas classificativas do tipo X é y, X não é Y); nos traços semânticos dos verbos introdutores de citações directas e indirectas, tais como “dizer, explicar, afirmar, referir, acrescentar, realçar, anunciar, estimar, calcular, detectar, constatar”; no modo como se apresentam as “fontes” aos leitores, revelador da sua competência (uso de características profissionais: posição, lugar de trabalho, ocupação ou função), assim como na ocultação das marcas de mediação.

### **Dialogismo escondido**

Este último caso, de ocultação das marcas de mediação, que poderemos caracterizar como um tipo de “dialogismo escondido” (MOIRAND, 2007), assume várias formas. Pode implicar a fusão total entre vozes citadas e as vozes dos jornalistas, através do uso do discurso indirecto livre (MAINGUENEAU, 1998, p. 130) na construção de determinados títulos. Nestes casos, apenas é possível recuperar a fonte original no corpo da notícia (*e.g.* Cancro do pulmão aumenta mais entre as mulheres, Público, 31 de Maio; Casos de cancro aumentaram mais de 12 por cento em seis anos, Público 2 de Junho; Mais cancro do nariz em fabricantes de móveis, JN, 12 de Fevereiro; Um cada quatro jovens está infectada com vírus que causa cancro do colo, Público, 17 de Janeiro; Cancro do pulmão em não fumadores tem gene responsável, JN 23 de Março); e em pequenos textos que acompanham determinadas notícias, destinados a explicar modos de procedimentos e a difundir formas de fazer agir, onde a identificação das fontes de informação ocorrem em último lugar:

Sinais de alerta: **se descobrir** um sinal que nunca antes viu ou se de repente, um sinal começar a mudar de cor pode ser indicativo de que algo está a correr mal (...)”, JN, 2 de Janeiro

Quem se lembre de ter feito o tratamento da tinha e deseje ser observado pode contactar gratuitamente o número (..) ou enviar um mail para (..), JN, 6 de Janeiro.

Também se encontram formas híbridas, como acontece nesta passagem. O jornal distancia-se do discurso especialista citado, recorrendo ao uso de verbos que indicam actos de discurso e conjunções integrantes (“alerta que, que sublinham”), preposições que os sinalizam (“para os”), vocábulos que sinalizam um colectivo (“especialista”s) e aspas, mas simultaneamente apaga essa distância, através da ausência de aspas e do discurso directo livre, nas duas últimas frases:

O especialista **alerta** para o perigo **que** constituem os solários: “uma pessoa que faça dez sessões de solário por ano tem uma probabilidade de oito vezes superior de vir a ter melanoma”. Apesar de existirem outros factores que podem desencadear a doença, como genéticos, o sol continua a ser uma preocupação **para os especialistas que sublinham** não ser suficiente o protector solar. É preciso também escolher a sombra, evitar o sol nas horas mais fortes e usar vestuário adequado. As pessoas devem ainda ter em atenção que quanto mais clara ou sardenta for a pele, mais sensível é. Público 26 de Maio

### **Dialogismo interaccional**

A passagem anterior permite-nos passar para outro tipo de dialogismo, o “dialogismo interaccional” através do qual os jornalistas encenam uma interacção em três pólos que espelha uma situação didáctica (MOIRAND, 1993; 2007). Esta encenação discursiva é expressa de diversos modos, e permite aos jornalistas negociarem entre o discurso imaginado dos destinatários, aquilo que imaginam corresponder às perguntas ou inquietações das e dos leitores, e o discurso da ciência que difundem, mostrando-se simultaneamente próximos de uns e de outros. Volte a ler-se a passagem ainda agora transcrita. Através do uso da forma negativa (KRESS & HODGE, 1979, p. 137), é atribuída implicitamente uma crença aos leitores — que o protector solar é suficiente na protecção contra o melanoma — para ser corrigida no passo seguinte, recorrendo à voz dos especialistas, à sombra da qual se produzem prescrições sobre a forma de proceder correcta que reforçam o efeito da negação.

O exemplo que se segue, retirado do mesmo texto, mostra este mesmo propósito, a de difundir discursos de saber fazer, mas onde se chama a atenção para o papel de vulgarizador dos jornalistas, recorrendo a expressões de uso comum (“trocado por miúdos”). Mas o que torna interessante esta passagem é precisamente a instabilidade do papel de vulgarizador. Se por um lado o jornalista se coloca numa

posição solidária, expressa no acto de se incluir, ao lado do leitores, como alvo do aviso especialista, através do uso da primeira pessoa do plural, por outro, sublinha e cancela potenciais interpretações erradas que imagina que os leitores possam fazer, através da forma negativa, colocando-se assim numa posição de autoridade em relação a eles, ainda que escudada e derivada do poder da fonte citada.

Fernando Ribas explica que “a pele tem uma capacidade limite para receber radiação ultravioleta” e que se a **ultrapassarmos** “a probabilidade de desenvolver um cancro cresce exponencialmente”. **Trocado por miúdos**, a pele **não** deveria, nunca, receber mais do que 10 sessões de solário por ano. JN, 2 de Janeiro.

Outra forma particular de dialogismo interaccional consiste em antecipar os pedidos de explicação das e dos leitores, em sequências que visam a compreensão de objectos designado por palavras que integram o vocabulário científico e/ou o acesso a um conhecimento de um fenómeno, ao mesmo tempo que se procura atrair a sua atenção. O exemplo que mostramos a seguir ilustra o caso em apreço. Trata-se de uma notícia publicada a propósito dos resultados obtidos num estudo científico sobre um cancro de cérebro (glioblastoma). Para explicar o estudo, que poderia parecer exotérico aos olhos dos leitores, os jornais recorrem ao uso de várias metáforas conceptuais (LAKOFF & JONHSON, 1990). Trata-se de metáforas habitualmente usadas nos discursos científico e dos média sobre cancro (CAMUS, 2009; CLARKE, 1992; LUPTON, 1994; 2003; REISFIELD & WILSON, 2004; SEALE, 2001; SONTAG, 1978; VAN RIJN-VAN TONGEREN, 1997) para explicar os processos de formação destas doenças, o seu tratamento, mas também a gestão política do assunto. O recurso a estas metáforas contribui para tornar a narrativa familiar e coerente com aquilo que as e os leitores já conhecem sobre o assunto.

O processo da investigação é enquadrado à luz da metáfora conceptual “cancro como o enigma de uma história de detectives”, associada com a metáfora “investigação sobre cancro é um movimento para a frente” (CAMUS, 2009). Repare-se no título da notícia, no semantismo da forma verbal escolhida para designar o feito atribuído ao estudo apresentado (estudo **desmascara** gene implicado nos cancros mais agressivos do cérebro, Público, 16 de Janeiro). A esta representação metafórica acrescentam uma série de imagens que estruturam o texto num todo coerente, onde por um lado o cancro é apresentado como um fenómeno complexo, como um enigma, e por outro, a

investigação sobre o assunto como algo que ajuda a resolver esse enigma, abrindo caminhos. A representação do cancro como enigma resulta do semantismo dos verbos e das expressões introdutoras das referências ao estudo feitas ao longo da notícia (“mostrar, detectar, dados revelados, identificação”), e a segunda, a “investigação sobre cancro é um movimento para a frente”, é expressa da mesma forma (o estudo **abre** duas promissoras oportunidades; o estudo **poderá contribuir; levará, poderá ser levado**).

Tal como nas histórias de detectives, as entidades biológicas são construídas como as más da fita, através do recurso às metáforas “célula cancerígena é uma máquina”, um aparelhos que tem um mecanismo que a coloca em acção e “cancro é guerra” para explicar o cancro e o funcionamento das células cancerígenas, quer no subtítulo, quer no *lead*.

É a história de uma **bala** e um **gatilho**. Cientistas analisam cem tumores e **identificaram** um novo biomarcador que **levará** a terapias mais eficazes

É como se tivesse encontrado um “**gatilho**” e uma “**bala**” implicados no grave cenário de um cancro de cérebro, conhecido por glioblastoma. Mais do que isso, são “**armas**” envolvidas no grupo de doentes com menor taxa de sobrevivência que sofrem deste tumor devastador. Público 16 de Janeiro

A activação da metáfora militarista também ocorre através de vocábulos e expressões com conotação militar, tais como: “estratégias de ataque, o tipo de inimigo a enfrentar, apertar o gatilho, atacar”. Veja-se mais esta passagem do mesmo texto onde se usam estas expressões, em conjunto com um estilo característico do discurso oral informal, conversacional (FOWLER, 1991), o “idioma público” de que fala Stuart Hall (1978) que inclui interrogações retóricas, expressões de uso comum, reforçadas pelo uso do “mas” com valor de realce e de adição/especificação, e onde o jornal se mostra solidário com os leitores, colocando-se ao seu lado:

**Mas há mais.** A “bala” está lá e está activa, **mas** o que é que **apertou o gatilho**? A equipa da UM também quis **encontrar uma resposta** para isso e, mais uma vez, **deparamos** com um nome complicado: o PI3K. É esta via que possibilita a transmissão de uma mensagem ao núcleo das células capaz de alterar a expressão do gene. É por esta estrada que vai o sinal que liga o gene, ou seja, é aqui que se aperta o gatilho. Público 16 de Janeiro

Num último ponto, destaco um tipo de dialogismo interaccional que no *corpus* analisado apenas ocorreu uma vez: aquele em que os jornalistas não dão como certa ou garantida a autoridade de quem fazem falar, se mostram incapazes de distinguir entre informação e opinião e se solidarizam com os leitores na sua suposta inquietação face à falta de certezas científicas sobre o assunto. Trata-se de uma notícia que visa informar as e os leitores de um estudo onde se procurou compreender a relação entre o uso do telemóvel e o risco de cancro cerebral. Na retórica de aproximação aos leitores, usam-se vários elementos: forma negativa, primeira pessoa do plural, determinante demonstrativo, através das quais se faz apelo à “memória interdiscursiva” dos leitores, remetendo para discursos anteriores sobre o assunto; na mesma linha, activam-se representações metafóricas do cancro como um labirinto, algo emaranhado, confuso (“se sim se não”), e também do cancro como um enigma, que os investigadores querem deslindar, tornar claro (“tentar determinar, ficar a saber”), mas não conseguem dar o passo em frente, como leitores e jornalistas esperariam (“não será desta vez”), mantendo-se na “estaca zero e talvez até um pouco mais confusos do que antes”.

Maior estudo de sempre sobre telemóvel e cancro é inconclusivo.

Conclusões contraditórias, por vezes a desafiar o bom senso. **Não será desta vez que ficaremos a saber** se o telemóvel provoca ou não cancro do cérebro. Público, 19 de Maio

Foi o maior estudo jamais realizado para **tentar determinar** se o uso regular do telemóvel faz ou não aumentar o risco de cancro cerebral. Depois de entrevistadas mais de 10 mil pessoas em 13 países, o Estudo Interphone deixou os 21 epidemiologistas que o co-assinam – e o público – **na estaca zero** e talvez até um pouco mais **confusos** do que antes. “Os resultados do estudo Interphone são ambíguos, surpreendentes e enigmáticos”, resume o co-autor Jack Siemiatycki, da Universidade de Montreal num comunicado daquela instituição. Público 19 de Maio

### **PARTE 3. Para concluir: dialogismos em interacção**

Os papéis desempenhados pelos jornalistas no *corpus* analisado têm uma natureza polimorfa: árbitros de uma pluralidade de vozes, que se cruzam e se confrontam, em assuntos políticos, com um papel crítico e mobilizador, ainda que camuflado; chefes de orquestras em assuntos médicos e científicos, que se apagam e se escudam à sombra das diversas autoridades que fazem falar, mas que

simultaneamente se dão a ver, assumindo quer os papéis de conselheiros, de peritos intermediários, de alguém que reformula e explica discursos especializados e faz a ponte com os públicos, como o de alguém que está próximo das ignorâncias e inquietações dos leitores, e que tal, como eles, beneficia desses saberes.

No primeiro caso, as e os leitores são colocados no papel de observadores de um drama intertextual (BAZERMAN, 2004) que não é o seu, mas que lhes é apresentado como tendo consequências directas no seu direito à saúde, importando por isso compreendê-la. Assim se constrói uma aliança entre jornais, os vários protagonistas intervenientes no debate e o público na procura e na reivindicação de uma “informação honesta” por parte das forças governamentais. No segundo caso, as e os leitores são construídos no papel de alguém que procura informação, interessado em saber, em estar informado, mas também no de alguém que já sabe, ainda que possa estar enganado, e que está interessado em aprender mais. Os leitores constituem, portanto, uma voz activa no mundo intertextual do discurso da notícia sobre cancro enquanto doença.

Apesar das diferenças de encenação das vozes nos tópicos relacionados com a política e com outros temas, o dialogismo intertextual de um e dos outros é semelhante: em ambos se encontram dialogismos escondidos e dialogismos mostrados, sendo que neste último caso importa destacar a diversidade social das fontes mencionadas no discurso. No entanto, esta abertura continua a ser guiada pela “consciência burocrática” (FISHMAN, 1980) que caracteriza a produção de notícias, reproduzindo assim a clássica hierarquia de credibilidade do discurso da notícia (e.g. TUCHMAN, 1978).

Além disso, tal como se mostrou, esta diversidade de vozes não implica polifonia (BAKTIN, 1981). Na questão política, os jornalistas, ainda que de forma implícita, procuram conduzir os leitores a uma determinada conclusão, fechando portanto as portas dos diversos mundos que parecem abrir. Em questões relacionadas com o cancro enquanto doença, se é verdade que a paleta das vozes intervenientes é heterogénea e não circunscrita ao mundo científico, também aqui esta heterogeneidade não parece criar instabilidade nos jornais, que se mostram capazes, ainda que com uma excepção, de distinguir facto de opinião e de conduzir os leitores nessa direcção. No entanto, no *corpus* analisado foi precisamente num dos poucos textos dedicados à investigação científica que o estado de insegurança discursiva dos jornalistas, de que fala Moirand (2007) a propósito da comunicação da ciência nos

jornais, se manifestou, mas ainda assim a coberto do descrédito e da desconfiança atribuída aos leitores. Será uma questão a explorar em próximos trabalhos.

## Referências

- BELL, A., *The Language of the News Media*, Blackwell. Londres, 1991.
- BAKTIN, M.M., *The Dialogic Imagination: Four Essays*, University of Texas Press. Austin, 1981.
- BAZERMAN, C., *Intertextuality: How Texts Rely on other Texts*. Em Charles Bazerman e P. Prior (Eds.) *What Writing Does and How it Does it: An Introduction to Analysing Texts & Textual Practices*, Lawrence Erlbaum Associates Publishers. Mahwah, NJ, 2004, pp. 83-96.
- CALDAS-COULTHARD, C., *On Reporting Reporting: the Representation of Speech in Factual and Factional Narratives*". Em Malcolm Coulthard (Ed.), *Advances in Written Text Analysis*, Routledge. Londres, 1994, pp. 295-308.
- CALSAMIGLIA, H.; FERRERO, C.L., "Role and Position of Scientific Voices: Reported Speech in the Media". Em *Discourse Studies*, 2003, 5 (2), pp. 147-73.
- CAMUS, J., "Metaphors of Cancer in Scientific Popularization Articles in the British Media". Em *Discourse Studies*, 2009, 11, pp. 465-495.
- CLARKE, J., "Cancer, Heart Disease, and AIDS: What Do The Media Tell Us About These Diseases?". Em *Health Communication*, 1992, 4 (2), pp. 105-20.
- FAIRCLOUGH, N., "Intertextuality in Critical Discourse Analysis". Em *Linguistics and Education*, 1992, 4, pp. 269-293.
- FAIRCLOUGH, N., *Media Discourse*, Edward Arnold. Londres, 1995.
- FISHMAN, M., *Manufacturing the News*, University of Texas Press. Austin, TX, 1980.
- FOWLER, R., *Language in The News. Discourse and Ideology in the Press*, Routledge, Londres, 1991.
- HALL, S., "The Social production of News". Em Stuart Hall, C. Crichter, T. Jefferson, J. Clarke e B. Roberts, *Policing the Crises: Mugging, the State, and Law and order*, MacMilan. Londres, 1978, pp. 52-70.
- KRESS, G., *Multimodality. A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication*, Routledge. Londres, 2010.
- KRISTEVA, J., *Word, Dialogue and Novel*. Em T. Moi (Ed.), *The Kristeva Reader*, Blackwell. Oxford, 1986, pp. 34-61.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M., *Metaphors We Live By*, The University of Chicago Press. Chicago, IL, 1980.
- LOPES, F; PINTO-COELHO, Z; RUÃO, T., "A doença em notícia: linhas de um projecto sobre a construção e monitorização da noticiabilidade sobre doenças", *Actas da VIII*

*Conferência Lusocom*, 2009, 14-18 Abril, Lisboa.

MAINGUENEAU, D., *Analyser les Textes de Communication*, Nathan, Paris, 2000.

MOIRAND, S., “Autour de la Notion de Didacticité”. Em *Les Carnets du CEDISCOR*, 1993, 1, pp. 9-20.

MOIRAND, S., “Variations Discursives dans Deux Situations Contrastées de la Presse Ordinaire”. Em *Les Carnets du CEDISCOR*, 2000, 6, pp. 45-62.

MOIRAND, S., *Les Discours de la Presse Quotidienne. Observer, Analyser, Comprendre*, PUF. Paris, 2007.

REISFIELD, G. and Wilson, G., “Use of Metaphor in the Discourse on Cancer”. Em *Journal of Clinical Oncology*, 2004, 22(19), pp. 4024-7.

RICHARDSON, J., *Analysing Newspapers. An Approach from Critical Discourse Analysis*, Palgrave MacMillan. Nova Iorque, 2007.

SEALE, C., “Sporting Cancer: Struggle Language in News Reports of People with Cancer”. Em *Sociology of Health and Illness*, 2001, 23(3), pp. 308-29.

SONTAG, S., *Illness as Metaphor*, Farrar, Straus and Giroux. Nova Yorque, 1978.

TUCHMAN, G., *Making News: a Study in the Construction of Reality*, Free Press. Nova Yorque, 1978.

VAN DIJK, T., *News as Discourse*, Lawrence Erlbaum Associates. Hillsdale, NJ, 1988.

VAN DIJK, T., “Semântica do Discurso e Ideologia”. Em Emília Pedro (Org.) *Análise Crítica do Discurso. Uma Perspectiva Sócio-Política e Funcional*, Ed. Caminho. Lisboa, 1997, pp.105-169.

VAN DIJK, T., *Discurso, Notícia e Ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso*, Campo das Letras. Porto, 2005.

VAN RIJN-VAN TONGEREN, G., *Metaphors in Medical Texts*, GA: Rodopi .Amsterdão and Atlanta, 1997.

VOLOSHINOV, V. N., *Marxism and the Philosophy of Language*, Seminar Press. Nova Yorque, 1973.



